

***Entrevista com a Prof. Vera Lúcia Lopes Dias, Do INES***

Prof. Adjunta de Informática da Universidade Estácio de Sá
Prof. Especialista em Educação Especial do INES

1) Sendo professora universitária como seus alunos reagem ao saber de sua surdez?

Dou aula de Linguagem de Programação para as turmas de Rede e Análise de Sistemas da UNESA (Universidade Estácio de Sá). O fato de trabalhar com computadores me ajuda muito, pois esse tipo de ferramenta exige mais visão que audição, sem sombra de dúvida. No primeiro dia de aula me apresento à turma, falo sobre meu problema auditivo e conto a minha trajetória como profissional surda. Explico que eles devem falar comigo sempre de frente e se eu estiver voltada para o quadro, esperem que eu me vire para eles para tirar as dúvidas. Também explico que por causa disso eles devem anotar as dúvidas num pedaço de papel e me passarem durante a aula. Digo que com boa-vontade e adaptações as dificuldades podem ser facilmente superadas.

É claro que alguns deles no começo ficam um pouco sem jeito, diria até assustados com a novidade, afinal, muitos nunca tiveram contato com pessoas com problemas auditivos. Alguns alunos no início acham que é uma questão de falar mais alto, mas sempre explico que não ouço nem gritos, que

o melhor para mim é a leitura labial, que eles não precisam elevar a voz.

À medida que o tempo passa eles vão se adaptando à professora, percebem que o fato de eu ser surda não me faz uma professora pior, que tenho a mesma dedicação, esforço-me para tirar suas dúvidas, enfim, eles podem aprender comigo independente do fato de eu ser surda. Após dois ou três meses eles já estão tão descontraídos que até brincam comigo quando não entendo uma pergunta feita oralmente ou entendo mal e dou uma resposta que não era bem aquilo que eles queriam saber, o que faz com que eles retruquem rindo: “Ó mestra, a senhora está surda?”. Quando chega a esse ponto, posso considerar que a turma venceu o preconceito inicial e já me aceitaram muito bem. O segredo é levar tudo no bom-humor e aceitar as brincadeiras deles com naturalidade, pois isso faz com que as barreiras da comunicação caiam. Sempre espero ansiosamente por esse dia, quando a turma passa a me tratar mais descontraidamente e ele sempre chega. É maravilhoso!

2) Ao vir trabalhar no INES você começou a conviver com uma outra realidade? Conheceu pessoas surdas que se comunicavam através da LIBRAS. Como foi isso para você?

A primeira coisa que fiz quando comecei a trabalhar no INES foi me inscrever num curso de LIBRAS. Que coisa incrível foi finalmente poder aprender a falar com minhas mãos o que na minha infância meus pais me proibiam de fazer. Eu era a única aluna surda no curso e as minhas colegas ouvintes se surpreenderam muito em ver uma surda tendo que aprender a falar por sinais, pois elas achavam que todo surdo só falava assim e me viam tendo as mesmas dificuldades que elas para dominar a LIBRAS. Nosso professor de LIBRAS também era surdo e não articulava bem as palavras e muitas vezes elas não compreendiam o que ele dizia e então recorriam a mim para traduzir a fala dele para elas. Teve, por isso, alguns momentos muito engraçados nesse curso quando eu traduzia a leitura labial do meu professor para elas. Imaginem! Uma surda traduzindo a leitura labial de outro surdo para ouvintes! Reparei também que eu era ótima em expressão corporal, uma qualidade muito valorizada na aprendizagem de LIBRAS, pois não basta fazer sinais bem tem que transmitir a emoção do significado do sinal por meio de expressões faciais e corporais corretas. Creio que a maior dificuldade para minhas colegas residia aí: acostumadas a transmitir a emoção pela voz tinham agora que fazê-lo sem o uso dela. Em resumo, eu reparei que tinha mais facilidade do que elas em dominar expressões faciais e corporais, mas o nível de dificuldade para o domínio da configuração das mãos era o mesmo. Outra coisa que reparei é que minha memória visual era melhor do que a das minhas colegas ouvintes. Eu tinha mais memória fotográfica dos sinais, memorizava mais facilmente e rapidamente a aula do que elas.

Para mim a LIBRAS é uma língua tão rica quanto o português, só que a gramática é um pouco diferente. Penso ser mais rápido e fácil se comunicar em LIBRAS certas horas que em Português. Agora que estou aprendendo LIBRAS considero que a gramática em LIBRAS é mais simples de dominar que a gramática portuguesa.

3) Qual a sua visão sobre o Português em sua modalidade oral e LIBRAS ?

Aprender Português para mim foi uma luta titânica, vencida com muito esforço, dedicação e apoio da minha família. Eu costumo dizer brincando que na minha infância tive treinamento de “ginasta oro-facial olímpica”. Enquanto meus irmãos iam para aula de judô eu treinava horas e horas diante do espelho, com fonoaudiólogas (tive duas: uma de manhã no INES e a outra ia em casa à tarde, quando eu voltava da escola, para ficar mais duas horas comigo). Era um total de quatro horas por dia, todos os dias, até no sábado e no domingo, quando minha mãe assumia essa tarefa e substituía a fonoaudióloga, que até treinava e explicava tudo para meus pais poderem repetir nos finais de semana. Minha mãe e a fono até faziam um diário dos meus progressos e eu era estimulada de todas as formas possíveis a continuar querendo melhorar e progredir. A cada progresso, cada frase dita corretamente e sem erros eu ganhava um brinquedo, um doce ou um passeio. E minha mãe sempre cumpria a promessa que me fazia caso eu conseguisse atingir a meta estabelecida pela fonoaudióloga.

4) Você sabe a sua causa de surdez?

Sim, os médicos na época atribuíram ao sarampo que peguei aos 3 anos de idade. Na ocasião tomei muitos antibióticos e isso também contribuiu. Minha surdez pelo tipo de curva audiométrica foi classificada como bilateral profunda.

5) Fale-nos um pouco do seu trabalho e da sua vida. Como você encarou e superou as dificuldades da surdez?

Quando minha família recebeu o diagnóstico da minha surdez, meus pais tomaram uma decisão: eu seria tratada

dali por diante como qualquer pessoa normal e eles se esforçariam para que minha surdez não me atrapalhasse em nada. Eles falavam comigo como se eu ouvisse, insistiam para que os outros familiares e as pessoas estranhas falassem comigo de frente e estimularam todo o resíduo auditivo que restou dos meus ouvidos. Eles me levaram ao INES com cinco anos e as professoras da época de lá deram treinamento à minha mãe em estimulação precoce e exercícios de fala, estimularam-me a falar de tudo quanto era jeito.

Minha mãe não me deixava misturar-me com as outras crianças surdas e por isso eu não aprendi a falar por sinais, nem tinha a mais vaga idéia do que era linguagem de sinais. Meu mundo se resumia a brincadeiras normais da idade com meus irmãos e familiares e exercícios para encontrar e aperfeiçoar minha voz todos os dias da semana. Até no domingo minha mãe me fazia repetir os fonemas diante do espelho. As palavras de estímulo e afeição dos meus pais faziam que eu encarasse tudo numa boa e até meus irmãos, que não eram surdos, participavam dos meus exercícios vocais, toda a família entrou de cabeça no processo. Tudo era motivo para me estimular a manter minha fala e não perder a memória auditiva. Minha mãe estava sempre dizendo: lembra-se daquele barulho? Está ouvindo essa música? Sentiu isso?

Mas nem tudo eram flores. Tinha ocasiões em que eu perdia a paciência, me fechava, não queria mais falar, entrava num mutismo raivoso. Porém sempre acabava voltando aos exercícios, pois compreendia instintivamente, mesmo com pouca idade, que tudo aquilo era importante e tinha o propósito de superar minha surdez.

6) Como você tomou então contato com a LIBRAS?

Fiz o primeiro ano do Curso de LIBRAS ano passado, no INES, e meus sinais ainda são elementares. Mas tenho me esforçado para aprender no meu trabalho no INES, com a convivência com os alunos dessa instituição e acho que até o final desse ano já estarei mais apta e fluente. Como já disse, minha família me ensinou, desde a mais tenra infância, a viver como se eu fosse ouvinte. O preconceito na minha época era grande. Por isso, só agora, pude aprender LIBRAS. Mas penso que antes tarde do que nunca e tenho me esforçado para aprender e fiquei muito feliz com esse aprendizado.

Creio hoje que é um grande erro a sociedade pensar que o surdo deve ser oralizado à força e desprezar a riqueza e a beleza da LIBRAS. Seria maravilhoso se todos entendessem o mundo do surdo e aprendessem a LIBRAS, se as escolas regulares dispusessem de intérpretes e professoras que conhecessem a LIBRAS. Isso não quer dizer que eu descarte nem ignore as vantagens da oralização.

Nós, os surdos, precisamos ser incluídos em nosso contexto social. Incluir não é dar oportunidade para mostrarmos nossa capacidade, pois não precisamos provar a ninguém nossa capacidade, a boa intenção não é inclusão. Inclusão é incluir pelos talentos e não pelas limitações.

Mas, veja só, eu uma surda oralizada, que venceu as barreiras da surdez, hoje defendo o respeito à cultura surda e a introdução do Português como uma segunda língua. Justamente por ter passado por todas as dificuldades que

passsei para a aquisição da língua oral sei o quanto é importante ter uma segunda via de comunicação. O surdo pode aprender Português muito bem como uma segunda língua e a LIBRAS, sua primeira língua, pode auxiliá-lo nisso, ser um agente facilitador. Uma coisa não exclui a outra, embora compreenda que aparentemente isso seja contraditório e polêmico para muitos educadores.

7) Como você vê, então, a inclusão?

Nós, os surdos, precisamos ser incluídos em nosso contexto social. Incluir não é dar oportunidade para mostrarmos nossa capacidade, pois não precisamos provar a ninguém nossa capacidade, a boa intenção não é inclusão. Inclusão é incluir pelos talentos e não pelas limitações. Todos nós, pessoas surdas queremos e devemos ser vistos como diferentes e não deficientes.

8) Quer deixar uma mensagem especial para todos os surdos?

É preciso compreender que o ser humano não é galho e nem folha varrida pelos ventos da vida. Você é um superior, dotado de inteligência, de determinação, de espírito criador e, acima de tudo, dotado de uma força interior capaz de remover montanhas e realizar projetos, que continua lutando pela vida.

Todos nós, surdos, também precisamos estudar e dominar a língua portuguesa sem isso não conseguiremos entrar no mercado de trabalho. Surdos nossa maior arma é o conhecimento!!!